

87

Carlos Chagas

18 DEZ 1992

Mitos a destruir

CORREIO BRAZILIENSE

Numa época de derrubada de mitos e de questionamento de verdades absolutas, a tentação é não parar. A modernidade fajuta até pouco implantada entre nós já vai saindo pelo ralo, já que livre competição entre quantidades desiguais, a desestatização, o enfraquecimento do Estado e a rendição dos mais fracos às leis do mercado impostas pelos mais fortes deram apenas no que deram: mais miséria, indignação e desesperança para as massas, além da proletarianização da classe média.

Mas tem mais. Muito mais. Tome-se por exemplo a inflação renitente. Dela, já se disse e se impôs ser o resultado dos gastos do Governo. Do deficit público. E também dos salários corrigidos, ainda que com atraso. Fica claro ser esse argumento mera velhacaria. Expediente malandro das elites para continuar aumentando seus privilégios. É claro que o deficit público ajuda a inflação a subir. Como salários desordenados também. Mas depois de tantos anos de arrocho salarial, assim como diante de uma evidente queda nos gastos do Governo, refluíram os índices inflacionários? Nem pensar. Acresce que nos Estados Unidos o deficit público é colossal.

A grande causa da inflação, intocada até pouco, e da qual a mídia jamais falava, é a especulação financeira. A prática de ganhar sem trabalhar. De movimentar papéis e de lucrar com todo o tipo de operações onde quem lucra jamais contribui com trabalho. A ambição de ganhos desmedidos, de aumentos abusivos e de negócios especiais puxa a fila da inflação como nenhuma outra força motriz.

Tome-se apenas para argumentar, um açougue. Um cidadão abriu o estabelecimento, cortou carne decadas a fio e deu certo, porque além de um craque no facão, possuía tino comercial e passou aos filhos uma rede de lojas. Os filhos, é claro, não estavam obrigados a conhecer filés e alcatras. Poderiam ter sido bons advogados, músicos ou até padeiros, mas a compulsão, a empáfia e a falta de mérito os transformaram em empresários da carne. Suponhamos, apenas para argumentar, que um deles desse para o negócio. Em pouco tempo afastou os irmãos incômodos e supérfluos, designando-se para cargos desimportantes, e fez aumentar ainda mais as organizações. Diversificou, implantou supermercados, empresas de exportação, correntes e o diabo. Teve filhos, assim como seus irmãos, teoricamente com o mesmo direito. A terceira

geração não se entendeu, o antigo açougue multiplicado mal dava para sustentar os pimpolhos, já registrando algum prejuízo. Vem a quarta geração e ocorre fatalmente, a **déba-cle**. Não há lugar para todos, eles lutam pelo poder maior, desentendem-se e, mais grave ainda, nenhum é açougueiro. Estes sentem desprezo pela profissão, aqueles, inveja, mas todos metem os pés pelas mãos. Continuam gravitando em torno do cofre enquanto o faturamento cai dia-a-dia. Numa bela manhã, percebem não haver mais sequer o pequeno açougue inaugurado pelo bisavô.

Falamos de açougues, mas é fácil incluir na metáfora a empresa que bem se quiser. E não se trata de um fenômeno brasileiro, apesar de, por aqui, estarmos na idade da pedra. Nos Estados Unidos, a empresa familiar reformulou-se para não desaparecer, como muitas desapareceram. Aos proprietários, no sistema capitalista, deve-se o lucro. Mas a gerência, a condução dos negócios e as decisões profissionais não podem ficar à mercê. Nem de patriarcas estóicos nem de pimpolhos presunçosos. Chegaremos lá.

■ Carlos Chagas é jornalista e professor da UnB